

RIELA, C. R.
1378



Estado do Rio Grande do Sul
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
DIRETORIA DE PATRIMÔNIO E MATERIAL

DYONELIO MACHADO
OS 100 ANOS
DO
LOBO SOLITÁRIO
DA
LITERATURA GAÚCHA

CAIO REPISO RIELA
DEPUTADO ESTADUAL

• AO LEITOR •

O Rio Grande do Sul comemorou, em 1995, o centenário de nascimento do médico, deputado e escritor Dyonelio Machado. Natural de Quaraí, Dyonelio tornou-se nacionalmente conhecido como o autor do romance *Os Ratos*. Mas sua obra é extensa, e vem ganhando sucessivas reedições desde a sua morte, ocorrida em 1985. Dyonelio foi deputado estadual cassado – pelo antigo PCB. Conheceu a prisão e a glória, conservando-se sempre um homem modesto, e morreu com 89 anos.

Este pequeno volume contém a íntegra do discurso que proferi durante o Grande Expediente (período nobre, de 20 minutos, nas sessões plenárias da Assembléia Legislativa gaúcha), na tarde do dia 30 de agosto do ano passado, trechos de *Os Ratos*, o conto *O Beijo* (pouco conhecido do grande público) e opiniões de escritores e críticos sobre a obra do nosso Dyonelio. É uma modesta homenagem deste parlamentar, que também vem da Fronteira Oeste, à memória do autor que projetou a literatura rio-grandense para muito além das fronteiras do nosso Estado.

A única pretensão deste trabalho é a de divulgar, entre as novas gerações e, principalmente, entre um público que quase não tem acesso às boas obras literárias, um pouco da vida e da obra do grande Dyonelio Machado.

Esta homenagem contou com a decisiva colaboração do escritor Rodrigues Till, autor do livro *Dyonelio Machado – O Homem – A Obra*, que nos auxiliou em nossas pesquisas e ainda organizou uma exposição com fotos, documentos e obras de Dyonelio na Assembléia Legislativa. Ao Dr. Till, incansável historiador da vida cultural rio-grandense, e a todos os que prestigiaram o nosso pronunciamento, os nossos agradecimentos.

Deputado Caio Repiso Riela
Porto Alegre, 04 de janeiro de 1996

• SUMÁRIO •

Um grande escritor e um grande homem	5
Os Ratos (trechos)	11
O Beijo (conto)	19
Crítica	23

• UM GRANDE ESCRITOR E UM GRANDE HOMEM •

Sr. Deputados

O Rio Grande do Sul comemorou, orgulhosamente, no último dia 21, o centenário de nascimento do médico, psiquiatra, deputado, jornalista e, principalmente, escritor Dyonelio Machado.

Ocupo este espaço nobre da sessão plenária de hoje para, modestamente, me associar às tantas homenagens que, muito justamente, os brasileiros, em geral, e os gaúchos, em particular, vêm prestando a este que é, sem nenhum favor, um dos grandes expoentes da literatura brasileira deste século.

Ressaltei, ainda há pouco, dentre as várias atividades exercidas pelo grande Dyonelio em sua vida, a de escritor, porque considero os grandes escritores criaturas especiais, não apenas entre os demais profissionais, como também entre estas criaturas especiais que são os artistas.

Assim como os sismógrafos mais sensíveis captam até os mais insignificantes movimentos das entranhas da terra e os radares mais sofisticados conseguem ver no escuro o que ninguém vê, penso que também os escritores de talento possuem essa capacidade quase mediúnica de se anteciparem ao seu tempo e de perceberem as aflições, desejos, angústias, medos, alegrias e anseios escondidos no fundo da alma humana e invisíveis à maioria dos mortais.

Pois o nosso grande Dyonelio é um destes gênios da raça que soube traduzir, em uma vasta e ainda hoje pouco conhecida obra as mais diversas nuances do espírito humano. Sua sensibilidade aguda, plasmada em obras essenciais da moderna literatura brasileira – como OS RATOS, O LOUCO DO CATI e DEUSES ECONÔMICOS, para ficarmos apenas com os títulos mais conhecidos – assegura-lhe um lugar de destaque na galeria dos artistas superiores a que eu me referia.

Os gaúchos temos o dever de resgatar do limbo da incompreensão e do esquecimento a obra deste genial cidadão da Fronteira que, ao final de uma vida repleta de realizações nas mais diversas áreas do conhecimento humano, considerava-se, humildemente, apenas

“um pobre homem.”

Felizmente, de uns tempos para cá, nota-se que os escritos de Dyonelio Machado estão sendo redescobertos pela crítica especializada e pelos editores de todo o país, que em vida nem sempre lhe fizeram justiça.

Mas, antes de falar um pouco mais sobre o escritor Dyonelio e sua obra, que o Brasil redescobre emocionado por estes dias, gostaria de recordar um pouco sua vida, igualmente pouco conhecida até mesmo do povo gaúcho.

O menino Dyonelio Tubino Machado, filho de Sylvio Rodrigues Machado e de dona Elvira Tubino Machado, nasceu em Quaraí, na fronteira com o Uruguai, aos 21 de agosto de 1895. Ainda criança, perdeu o pai, assassinado, acontecimento que lhe marcaria para sempre a existência. Com apenas oito anos, já vendia bilhetes de loteria para ajudar no sustento da família pobre – a mãe e o irmão Severino. Desta época, ficou-lhe gravada na memória uma cena terrível: um dia topou na rua com o homem que assassinara o seu pai. O homem queria comprar um bilhete. É o próprio Dyonelio quem relata este encontro:

“Não queiram passar pelo momento que passei: negociar com quem me fizera órfão era renegar uma adoração que nada abalaria. Mas trocar por dinheiro os poucos bilhetes de loteria que eu carregava, era obter meio quilo de carne. Cedi. Nossa transação se fez sem palavras. Sabia também o que me esperava em casa: era minha mãe chorando”.

A pobreza familiar não o impediria, no entanto, de continuar estudando. Dyonelio dava aulas para os meninos das classes mais atrasadas e, em troca, ele e seu irmão podiam estudar sem pagar a matrícula da escola. Com 12 anos, já trabalhando como servente no semanário *O Quaraí*, começou a se entrosar com a intelectualidade local. Veio, daí, provavelmente, o gosto pelo jornalismo, que o acompanharia pelo resto da vida. Lá mesmo, em Quaraí, ele fundaria, nos idos de 1911, o jornal *O Martelo*, nome bastante sugestivo para um jornalzinho crítico, como bem observa o escritor Rodrigues Till em seu mais recente livro *“Dyonelio Machado, O Homem – A Obra”*.

A tinta de impressão corria em suas veias. Em 1921, participa, em Porto Alegre, do lançamento do jornal “A Informação”. Naquele mesmo ano, casava com dona Adalgisa Martins, professora de piano na

sua Quaraí.

Os primeiros anos da década de 20 foram marcantes para Dyonelio. Fundou jornais, casou-se, ingressou na Faculdade de Medicina, publicou seu primeiro livro – *Política Contemporânea* – e tornou-se pai de Cecília, que mais tarde ganharia um irmão, Paulo.

Dyonelio foi ainda um dos fundadores da pioneira *Associação Rio-Grandense de Imprensa – ARI* – e mais tarde colaborador dos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, da capital gaúcha. Também viria a fundar, com seu camarada Décio Freitas, o jornal *Tribuna Gaúcha*, porta-voz do Partido Comunista Brasileiro, em 1946.

A propósito, é do historiador Décio Freitas um dos mais felizes comentários sobre o caráter de Dyonelio:

“Quando alguém se desligava do PCB – escreve Décio – passava a ser tratado como traidor pelos seus ex-companheiros. Foi o que me aconteceu quando me desliguei do partido em 1948. Alguns ex-companheiros só há poucos anos voltaram a cumprimentar-me. Apesar de sua ortodoxia e disciplina partidárias, Dyonelio manteve inalterada a amizade. O grande escritor era também um grande homem – o que é coisa rara”, relembra Décio Freitas.

Se o jornalismo estava no sangue de Dyonelio desde muito jovem, a medicina foi sua atividade mais constante ao longo de uma vida de sacrifícios e sobressaltos. Mais que isso, foi o seu ganha-pão – e uma paixão que por vezes se infiltrava em sua literatura.

De 1924 a 1929, dedicou-se ao estudo da Medicina, em Porto Alegre. Depois disso, partiu para o Rio de Janeiro, onde se especializou em psiquiatria. De lá retornou, em 1932, para a defesa de tese e formatura. Seu trabalho, *Uma Definição Biológica do Crime*, mereceu grau máximo da Comissão Examinadora, como anota Rodrigues Till na mais recente biografia de Dyonelio.

Médico-alienista do Hospital São Pedro, de Porto Alegre, durante os anos do Estado Novo, o Dr. Dyonelio era, curiosamente, avesso a médicos e remédios. Doente, o único remédio que consentia em tomar era o velho e bom Melhoral. Em compensação, era adepto incondicional de chás e chimarrão. Idiossincrasias à parte, o certo é que o Dr. Dyonelio em sua longa carreira de médico-psiquiatra dignificou como poucos esta nobre profissão.

Como escreve o seu biógrafo Rodrigues Till, ele foi “um médico eminentemente humanitário, sem jamais pretender fazer da profissão

um balcão de negócios. Gratuitamente atendia a todos que o procuravam, desprovidos de quaisquer recursos materiais. E, como decorrência lógica, não seria nunca um amealhador de riqueza pecuniária, daí ter morrido com a consciência tranqüila por ter sabido cumprir, por inteiro, os mandamentos de Hipócrates.”

Era inevitável que um homem com a sensibilidade social à flor da pele, como do Dr. Dyonelio, não fosse indiferente à sorte dos seus semelhantes, sobretudo os mais humildes e os excluídos, que já no seu tempo eram bastante numerosos.

A militância política tornou-se, assim, uma extensão de suas atividades como médico e escritor. Membro dedicado do Partido Comunista Brasileiro, o autor de *Passos Perdidos* e *Endiabrados* conheceu de perto, em 1935, as agruras do cárcere, acusado que foi de atentar contra a ordem política e social ao trabalhar para a realização de uma greve de gráficos. Solto, mediante “sursis”, voltaria a ser preso no mesmo ano, por ocasião da Intentona Comunista.

As posições ideológicas de Dyonelio custar-lhe-iam dois anos de sua vida, perdidos em prisões políticas, mas nem por isso abalariam suas convicções de homem de esquerda. Tanto é que, em 1947, com o PCB na legalidade, ele se elege deputado estadual pelo velho “partidão” e se torna líder da sua bancada na Assembléia Legislativa do RGS.

Os anais desta Casa dão conta de que o mais idoso dos deputados comunistas eleitos em 47 foi também um dos mais ativos – até sua cassação, em janeiro do ano seguinte, quando o PCB mergulharia na clandestinidade.

E o escritor Dyonelio Machado, o que era feito dele nesta época?

É certo que, a par de tantas atividades, Dyonelio sempre encontrara tempo para escrever. Desde 1927, quando publicou, às suas custas, o livro de contos *Um Pobre Homem*, vinha ele se dedicando à ficção. Mas foi com o breve romance intitulado *Os Ratos* de 1935, que Dyonelio tornou-se conhecido em todo o país.

Escrito em 20 noites de um quente dezembro, após a cansativa jornada diária no consultório e no Hospital São Pedro, o romance de estréia de Dyonelio foi contemplado – junto com *Música ao Longe*, de Érico Veríssimo, e mais duas outras obras – com o prêmio “Machado de Assis” da Companhia Editora Nacional, de São Paulo, que promovia este célebre concurso. Dyonelio tinha então 40 anos – e estava

preso.

“Os Ratos”, que nasceu de um pesadelo relatado a Dyonelio por sua mãe, conta a história de um pobre barnabé, Naziazeno Barbosa, que perambula um dia inteiro pelo centro de Porto Alegre atrás de uns trocados para saldar uma dívida improrrogável com o seu leiteiro. Ao cabo desta extenuante jornada de sobressaltos e humilhações, quando se deita para dormir, à noite, Naziazeno deixa o dinheiro do leiteiro sobre a mesa da cozinha, para ser recolhido pelo implacável cobrador na manhã seguinte. Exausto, meio acordado, meio adormecido, o pobre Naziazeno julga que os ratos estão roendo o maço de dinheiro, mas já não encontra forças para saltar da cama e correr à cozinha a tempo de evitar um desastre. O pesadelo do dia torna-se pequeno comparado com a angústia e o sofrimento desta situação absurda.

Esta trama, aparentemente banal, sobre criaturas medíocres às voltas com um problema tão pequeno, ganha, na narrativa tensa de Dyonelio, a dimensão de uma trágica epopéia. *Os Ratos* só não virou uma obra-prima da literatura universal porque Dyonelio teve a infelicidade de escrevê-lo em português, uma língua marginal no cenário literário mundial.

Diante de *Os Ratos*, a melhor crítica do país não economizou elogios. Mario de Andrade disse que o livro era “perfeito como unidade, equilíbrio, concepção, nenhum desperdício”. Para Guilhermino César, *Os Ratos* é o melhor livro de Dyonelio, uma história contada com aspereza e doçura ao mesmo tempo, transpondo-nos a uma atmosfera de sonho, pesadelo e revolta, a uma humanidade repressa, capaz de todos os heroísmos e abjeções”.

Eliane Zagury o comparou à obra de outro gigante, Graciliano Ramos – e Jorge Amado, que não era nenhum fã do estilo de Dyonelio, reconheceu o seguinte: “Se conseguir fazer o leitor sentir tudo o que sente o personagem não é obra de um romancista verdadeiro, então eu sei o que é ser romancista”.

Para Dyonelio, no entanto, a melhor opinião sobre o seu livro foi o comentário feito pela moça que datilografou os seus originais. Impressionada com o sofrimento de Naziazeno, a datilógrafa teria dito: “Como o Dr. Dyonelio conhece a pobreza!”

Escritor com fama de difícil, pessimista, por vezes impenetrável ao leitor mais apressado, Dyonelio não obteve, com suas obras sub-

seqüentes, como *O Louco do Cati*, *Desolação*, *Deuses Econômicos* ou *Sol Subterrâneo*, a mesma receptividade de público e crítica. Mas tanto *O Louco do Cati*, que ele escreveu na cama, durante uma longa enfermidade, como *Os Deuses Econômicos*, que levou 10 anos para ser concluído, são obras que o público e a crítica de hoje começam a redescobrir e valorizar. Resta, agora, esperar que nossos editores tenham a sensibilidade de reeditá-los e colocá-los à venda em todo o país. O livro de contos *Um Pobre Homem*, por exemplo, acaba de ser reeditado por uma empresa paulista, embora sem o conto *Noite no Acampamento*, censurado, na época, por razões políticas, mas inexplicavelmente omitido na edição atual.

Uma frase do jornalista Justino Martins, já falecido, talvez sintetize de forma absolutamente precisa as dificuldades que o leitor médio encontra na obra de Dyonelio: “Seu estilo – disse Martins – é seco como ele próprio, e, as vezes, tanto um como outro são até difíceis de entender”.

Falecido em 1985, às vésperas de completar 90 anos, Dyonelio deixou-nos uma obra composta de 12 romances, um livro de contos, um volume de memórias e vários ensaios.

O isolamento que se impôs no final da vida, assim como sua aversão às entrevistas, de certo modo contribuíram para que ele ficasse por tanto tempo meio esquecido. Mas sua obra é imortal, e ocupa hoje um lugar de destaque na galeria das grandes obras literárias da língua portuguesa.

O lobo solitário da literatura gaúcha, como o definiu certa vez Érico Veríssimo, o gênio marginal das nossas letras, o grande Dyonelio Machado é, para todos nós, gaúchos, um grande, imenso, motivo de orgulho.

• OS RATOS •

Trechos da obra que consagrou Dyonelio Machado

OS RATOS
(Fragmentos)

I

Os bem vizinhos de Naziazeno Barbosa assistem ao “pega” com o leiteiro. Por detrás das cercas, mudos, com a mulher e um que outro filho espantado já de pé àquela hora, ouvem. Todos aqueles quintais conhecidos têm o mesmo silêncio. Noutras ocasiões, quando era apenas a “briga” com a mulher, esta, como um último desaforo de vítima, dizia-lhe: “Olha, que os vizinhos estão ouvindo”. Depois, à bora da saída, eram aquelas caras curiosas às janelas, com os olhos fitos nele, enquanto ele cumprimentava.

O leiteiro diz-lhe aquelas coisas, despenca-se pela escadinha que vai do portão até à rua, toma as rédeas do burro e sai a galope, fustigando o animal, furioso, sem olhar para nada. Naziazeno ainda fica um instante ali sozinho. (A mulher havia entrado.) Um ou outro olhar de criança fuzila através das frestas das cercas. As sombras têm uma frescura que cheira a ervas úmidas. A luz é doirada e anda ainda por longe, na copa das árvores, no meio da estrada avermelhada.

Naziazeno encaminha-se então para dentro de casa. Vai até o quarto. A mulher ouve-lhe os passos, o barulho de abrir e fechar um que outro móvel. Por fim, ele aparece no pequeno comedouro, o chapéu na mão. Senta-se à mesa, esperando. Ela lhe traz o alimento.

– Ele não aceita mais desculpas...

Naziazeno não fala. A mulher havia-se sentado defronte dele, olhando-o enquanto ele toma o café.

– Vai nos deixar ainda sem leite...

Ele engole o café, nervoso, com os dedos ossudos e cabeçudos quebrando o pão em pedaços miudinhos, sem olhar a mulher.

– É o que tu pensas. Temores... Cortar um fornecimento não é coisa fácil.

– Porque tu não viste então o jeito dele quando te declarou: “Lhe

dou mais um dia!”

Naziazeno engole depressa o café que tem na boca:

– Não foi bem assim...

– “Lhe dou mais um dia”, tenbo certeza. “Isto é um abuso!”, e saiu atirando com o portão.

• • •

II

Na ocasião em que Naziazeno vai chegando à porta, sai de lá de dentro um indivíduo de cara de pedra e rugas de concentração em torno dos olhos, na testa. Vem saindo meio de costas, ocupado em meter na fechadura uma das chaves, do chaveiro que uma longa corrente de ferro branco prende no cinto.

– Boa tarde.

O indivíduo volta-se lentamente, ao mesmo tempo que dá um puxão enérgico na meia-folha entreaberta. Vê Naziazeno. Responde-lhe o cumprimento e passa duas voltas de chave na porta.

Acomoda o chaveiro no lugar. Tem os olhos fixos no outro:

– Deseja alguma coisa?

– Queria falar com o sr.

– Comigo?

– Sim.

Há uma pequena pausa.

– O que é que deseja?

– Queria pedir-lhe mais um favor – diz Naziazeno.

O indivíduo espera que ele fale, explique.

– Só a grande necessidade me traz aqui na sua casa, antes de resgatar aquele vale.

– O vale resgatará quando puder – responde-lhe o indivíduo. Tem uma leve impaciência. Olha para os lados. Parece que tem necessidade de se ir embora.

– Agora, no fim do mês – diz-lhe Naziazeno. – Vai ser o meu primeiro pagamento.

O indivíduo não faz nenhuma observação.

– O sr. não imagina o que tem sido ultimamente a minha vida...

As dificuldades...

– Imagino.

– Hoje, aqui onde me vê – diz-lhe Naziazeno, numa confissão – ainda não almocei.

– Como?! Não tem o que comer?...

Um vermelhão cobre a cara de Naziazeno.

– Não é isso – acrescenta ele, justificando-se: – tive de ficar na cidade... pra conduzir um negócio... Não pude voltar pra casa pra almoçar.

(Não diz: – “E não tive dinheiro pra almoçar na cidade”.)

O outro ouve calado.

Naziazeno.

– Não tenho a quem recorrer, e preciso com urgência de... (vai dizer “cem”, mas detém-se. Acha uma quantia despropositada.) ... de... sessenta mil réis...

O indivíduo faz um movimento com a cabeça:

– Não me é possível.

Naziazeno torna-se instante:

– Assino-lhe um vale. Venho pagar no fim do mês.

O outro repete o movimento da cabeça:

– Impossível.

– Pra o sr. não lhe custa – e Naziazeno força um tom de amabilidade – e pra mim é tudo, acredite.

– Não duvido. Mas me é impossível – martela o indivíduo.

Naziazeno “faz” o suspicaz:

– Tem medo que não lhe pague?

– Não é isso: é que não posso na ocasião.

Naziazeno aspira um pouco de ar, que vai lhe queimando e lhe ardendo por dentro.

– Assino-lhe um vale...

– Demais – e o indivíduo olha pra porta fechada – o caixa já saiu. Já saíram todos.

– Mas... daí do bolso! da carteira!” – vai dizer-lhe Naziazeno. Lembra-se da carteira do Costa Miranda, com compartimentos próprios pra cada espécie de cédulas. Contém-se e acrescenta:

– Talvez não lhe fosse custoso... Particularmente...

– É impossível.

Um silêncio.

– É uma conta que eu quero pagar amanhã cedo – explica Naziazeno.

E, como o outro nada observe:

– Não tenho mais jeito – conclui ele – de pedir ao meu credor que espere mais algum tempo.

– Ah! mas ele terá de esperar – faz o indivíduo com o seu tom sereno e natural.

O sujeito quer ir embora. É evidente. Mas Naziazeno se agarra a essa “esperança” com obstinação nervosa:

– Quem sabe se é porque ainda não lhe paguei o vale atrasado?...

– Não, não é por isso.

– O sr. pode ter confiança...

Outro silêncio.

– Antes de me resolver a vir incomodar o sr. esgotei todos os outros meios – acrescentou Naziazeno.

O indivíduo tem o ar cândido de quem acredita em tudo, em tudo.

– Bem, eu vou indo – diz ele. – E espicha a mão para Naziazeno, ao mesmo tempo que esboça um movimento de fuga.

– Eu também vou pra esse lado – diz Naziazeno. – Eu o acompanho até à esquina.

Naziazeno, caminhando à sua esquerda, vai-lhe cantando, cantando.

Chegam à esquina. O indivíduo olha pra todos os lados, impaciente. Lá longe, pouco pra cá da estação da estrada de ferro, vem vindo um bonde. A rua está vazia.

O indivíduo começa a olhar naquela direção. Parece não estar ouvindo as palavras instantes do outro.

O bonde vem parando em todas as esquinas.

O sujeito move os pés, muda de lugar. Ergue a cabeça como para furtá-la àquilo, àquelas súplicas. Mas Naziazeno continua, continua...

Eis o bonde! Já se lhe ouve o barulho, que retumba na rua deserta.

– Aí vem o meu bonde...

Diante daquela ameaça de escapar-lhe a presa, Naziazeno tem uma derradeira imploração. Fala-lhe com desespero, com angústia.

– Mas o sr. é imprudente – retruca-lhe o outro. – Já lhe disse que não me é possível.

Corre. Pega o bonde mesmo caminhando.

• • •

III

Ele vê os ratos em cima da mesa, tirando de cada lado do dinheiro – da presa! – roendo-o, arrastando-o para longe dali, para toca, às migalhas!...

Tem um desespero nervoso. Vai levantar! Mas depois do baque da tampa caindo, fez-se um silêncio, um grande silêncio... Espera um pouco. O silêncio continua. Nem mesmo o chiado se ouve. Há só o silêncio.

Ele está sentado na cama. A seu lado, a mulher dorme, muito pálida, a cara gorda e triste. É um sono sereno, como de morta. Pensa em acordá-la, mas suspende-se: é tudo silêncio outra vez, o guinchinho cessou, cessou aquele roer num dos cantos do soalho... E, depois, sente um meio ridículo, uma vergonha...

Deita-se. De novo vê o dinheiro ao lado da panela do leite, sobre o tampo muito branco da mesa, no meio dum silêncio quieto...

Não teria ficado algum farelo de pão na tábua da mesa?... Parece “ter visto” – ter visto! – farelo de miolo branco, seco, duro, como uma pequenina pedrinha... Mas como é que poderia ter ficado esse farelo aí?... Mainho não come pão de noite com o leite... Só se comeu esse dia, por exceção! Não é impossível... Não sabe... não perguntou...

Não tem bem certeza se os ratos sobem em cima da mesa. “– Se sobem...” Ouve nitidamente a “voz” de Adelaide respondendo... informando... esclarecendo...

Vai levantar!

Meio “prepara” a energia, a decisão muscular. Fica todo acuidade. Quer examinar ainda a sua idéia um instante, antes de se erguer. Tem uma fadiga... uma irresolução... Como essa que experimenta de manhã quando acorda e não se anima a deixar a cama...

Os ratos estão roendo, roendo, perto dali, no canto do soalho... Talvez seja a própria tábua do soalho que eles estão roendo...

Estuda bem a "questão": se os ratos roem dinheiro... Vê os ninhos, os papéis picados, miudinhos, picadinhos, uma moinha... uma poeta... Sente um pavor e um frio amargo dentro de si! Aquela nota verde, gordurosa, graxenta, está sendo roída... roída... roída... Esse fato está se passando agora... é contemporâneo dele!... Os ratos estão roendo ali na cozinha... na mesa... são dois... são três... andam daqui para lá... giram... dançam... infatigáveis... afanosos... infatigáveis...

Vai levantar! Vai dar outra arrumação.

Mas qual?... Há um "equilíbrio" naquele "esperar" sobre o tampo da mesa – rolinho escuro e achatado, ressaltando, bem à mostra, da tábua branca, lavada...

Não é possível – uma coisa tão medonha assim... Nunca lhe disseram... nunca! É que o dinheiro nunca se acha ao alcance deles... Não devia ter deixado dinheiro em cima da mesa, dinheiro papel! Ainda pode tirá-lo dali. E colocar onde?... Dentro da panela não pode ser... Não pode ser debaixo dela: ele não pega a panela quando bota o leite...

Guardar, então. Esperará o leiteiro de pé... De pé!... Tem uma fadiga... um cansaço...

Não roem, não. Não é possível... nunca ouvi dizer...

• • •

IV

Está com sono. Mas é preciso reagir. É preciso examinar bem...

E ele passa outra vez a sua idéia numa crítica. Vê tudo quanto há de sensato e de absurdo nela...

Acordar Adelaide?

Ouve a sua voz, volumosa, retumbando ali dentro do quarto... Ouve-se dizer, com voz cavernosa, estranha, saindo do silêncio: "– Adelaide... Adelaide..." Ela não acorda no primeiro momento. "– Adelaide..." Não se anima. Talvez que o filho se mexa, que ela se acorde. Aí então, com voz baixa, natural, apenas informativa: "– Adelaide... Você não tem medo que os ratos possam... ("– Sim...?") estar mexendo no dinheiro?... "– Não mexem, não". – E ela se volta outra vez na cama para dormir...

Naziazeno se tranqüiliza...

Ouve a respiração do filho. Ele dorme um sono pesado, igual.

Naziazeno examina os “fundamentos” daquela sua tranqüilidade. Seria essa – está por jurar – a opinião de Adelaide... “Não mexem...” Pode se tranqüilizar, pois. Nunca ouviu falar que houvessem roído um dinheiro assim. “– Você acha possível, Adelaide, que os ratos roam dinheiro?...” “– É: eles roem papel. Dinheiro é um papel engraxado...”

Faz-se um grande tumulto dentro da sua cabeça!

• • •

V

Naziazeno tem os olhos bem abertos, o ouvido agudo. Parece que viu uma sombrinha deslizando, fugindo, com um passinho rápido e leve sobre o soalho do comedouro, perto da porta, na claridade projetada pela luz da lamparina... Reergue-se na cama. Espia, um olhar o seu tanto esgazeado. Fica um momento assim, sem nada ver, à escuta.

E se se levantasse?

Deita outra vez a cabeça no travesseiro, para pensar melhor. Conserva o olhar aceso, no forro. Vê-se em direção à cozinha, cambaleando no corredorzinho escuro (a cabeça está tonta). Chega. Abre a luz com um temor: lá está a panela, reluzindo, bem esfregada com sapólio; lá está, ao seu lado, mas um pouco afastado, o rolo do dinheiro... Ainda fica indeciso... Não sabe se deixa como está, naquele silêncio, naquela quietude...

Outra visão, porém, passa-lhe rapidamente pelos olhos: mal abriu a luz... a mão ainda não deixou a chave, ao lado da porta, na madeira do portal... Dois ou três ratos, ligeiros, vis, escapam-se para todos os lados, cada um para um canto, como raios duma roda. Pequenos farelos... escuros...verdes... sobre o tampo esfregado da mesa... Sinais no chão... outros sinais!...

Que é que deve fazer? Que é?...

Põe-se a examinar o forro, a ver se eles ainda estão ali. Passa muito tempo: nenhum ruído – aquele dedilhar, aquele rufar... O guinchinho mesmo, formado daquele conjunto de vozezinhas, já não ouve mais. Cessou também o roer... o roer. Decerto já foram embora... Naziazeno está quase certo de que eles já se foram. Alguma coisa os assustou. Talvez um barulho qualquer da rua. Foram-se...

Aquele silêncio mesmo parece a Naziazeno um silêncio de fim de alguma coisa – de fim de tarefa, de trabalho... É um repouso... a folga... Ele vê os ratos retirando-se, depois do trabalho, depois da colheita... Só alguns sinais no seu campo de ação, no seu campo de combate... Alguns destroços... uns pequenos retalhozinhos verdes... escuros... dum verde graxento, meio brilhante...

Adquire às vezes uma certeza tão grande desse fato, que chega a se dizer que não se levanta, não vai até lá, porque já nada adianta... nada...

E vem-lhe então aquela sua tristeza, aquela ânsia no estômago, aquele desânimo...

• O BEIJO •

Versão integral do conto *O Beijo*, publicado em 1928 pela revista *A Máscara*, de Porto Alegre

“... No dia seguinte acordei tarde, com a vaga lembrança de ter falado com alguém durante o meu repouso.

As velhas janelas fechadas, todas crivadas de orifícios e frinchas, com o sol a arder por detrás, eram duas enormes colgaduras fosforescentes...

Levantei-me. Mesmo na doce penumbra do quarto, observei sobre a mesa, colocado cuidadosamente no lugar mais visível, um envelope quadrado, grande. Segurei-o.

Estranhei a letra, alta e caída para a esquerda, o recorte nitidamente europeu.

– Carmen! ...

Abri-o numa sofreguidão. Era a primeira vez que Carmen me escrevia.

Admirei primeiro o papel, coriáceo, pergaminhado, cantante como uma lâmina de aço. Depois o perfume, o seu perfume, Cariñosa, tão meu conhecido. Sorvi por fim uma a uma todas as letras dessa carta maravilhosa.

Rosa entrava com o café. Perguntei-lhe como ela tinha vindo parar ali, aquela carta. De manhã muito cedo – respondeu-me ela – eu ainda estava dormindo, uma mulher trouxera-a.

– Maria!

Pobre e boa Maria!...

‘...Um beijo, um só lhe pedirei. Nele quero depositar todo o meu amor, toda a minha paixão...’

Oh! esse beijo! Como também a mim ele sufocava, esse beijo casto! Toda a carta era um doce sussurro em torno desse beijo, que o nosso amor nos pedia como único sinal a guardar da nossa carne amorosa!

Um beijo... um só...

Depois, depois dele, tudo voltaria ao que era dantes, ao amorsonho, ao esposar de almas, ao suave contato dos nossos pensamentos!...

Um beijo... um só!

Esse beijo, o beijo de Carmen, não quebraria o ritmo espiritual daquele amor. Era a fonte, que se abria no meio da longa estrada, para os que vinham, como nós, com sede de Amor e de Infinito...

Na última folha da carta, no canto da direita, sobre a assinatura, estava desenhada uma pequena cruz. E debaixo dela, à maneira de uma legenda, estas palavras:

Besadla, que yo también la hē besado...

A mão trêmula, comovido uma grande lágrima de ternura dentro das pálpebras mal-abertas, levei convulsivamente a pequena cruz aos lábios e beijei-a, demorada, repetida, freneticamente!

Não esperei pela volta do meu amigo. Essa tarde mesma dirigi-me à casa de Carmen.

– Estão na cidade – disse-me Encarnación, à porta.

– Quer entrar?

Não. Voltaria outra vez.

Sentia ímpetos de indagar que é que tinham ido fazer? onde a encontraria?

– Modista, certamente...

– Creio que Madame foi no correio.

Permaneci um momento pensativo.

– Até amanhã então.

– Até amanhã.

Na cidade, farejei o correio, a confeitaria, espiei para dentro das lojas de moda. Tudo em vão.

Fazia uma tarde fria e serena. Fiquei perambulando na rua, sem destino, fugindo aos grupos de conhecidos.

O beijo de Carmen que duma certa maneira eu o possuía reduzido à escrita em todo um delicioso poema lírico, naquela carta que se achatava, amorosamente, sobre o meu coração, – o seu beijo tomava pouco a pouco uma forma plástica, o seu relevo próprio, e eu o vi a minha frente no ar no céu em tudo!

Tinha ânsias de desabafar, de procurar um dos amigos, Telêmaco, por exemplo, tão pudibundo e delicado, e confiar o meu segredo, essa

glória de amor retribuído, do amor amado! Mas vinha-me, de súbito, um sentimento de pudor e de egoísmo! – E eis-me então outra vez a correr a rua, sem rumo, embriagado e risonho!

Bento Silveira passou por mim, apressado pronunciou-me o nome, sem parar.

– Ó querido! – fiz eu, vivamente, no ar, voltando-me, ao conhecê-lo a voz.

Continuei.

O crepúsculo descia lentamente sobre a cidade. Fechava, lá longe, a rua, aquela barra escura, imóvel, sempre a mesma. Os passeios começavam a ser vasculhados pelos jactos esparramados da luz das vitrines.

Lembrei-me da véspera. Au claire de la lune, a sonata mutilada, que se evolara lentamente do teclado, à menor pressão dos dedos de Lucius, como um bando de asas brancas, acordadas no silêncio da noite. Eu ouvia encostado à janela aberta. Quando, ao deixar o arpejo sonolento do adágio, onde Rellstaeb surpreendera um efeito de luz sobre o lago dos Quatro Cantões, Lucius atacou o Schezo, veio-me à mente a imagem de Liszt: uma flor entre dois abismos. O lied dissipara-se numa claridade fria, triste, o seu tanto ou quanto dramática. Entre ele e o Presto final – esse pedaço de lirismo quente e humano, de mugido feliz de amor satisfeito, essa flor da mocidade entre dois abismos. Senti no lábio a confissão ardente do amoroso: Ela me ama, e eu a amo!

O dia fugia já. Não a encontraria mais. Iria recolher, pois naquele fim de tarde romanesco e subtil, que se fechava sobre o meu segredo, como um grande estojo forrado de azul, guardando uma gema maravilhosa...

– Carmen!...

– Eu tinha a certeza de encontrá-lo...

– Mas por aqui?... E eu que a procurava!... Que a procurara em sua casa!...

Ela olhou para o lado e avisou-me:

– Albert...

O cônsul, efetivamente, aproximava-se palestrando com o chanceler do consulado, que o ouvia respeitosamente.

– Oh! o nosso querido amigo! – Bela tarde, não é assim?

– E o nosso Carlos? Sempre forte, certo?

Retribui os cumprimentos. Apertei a mão ao chanceler.

– Já. Já nos conhecíamos...

E enquanto o cônsul ultimava as recomendações de serviço que vinha fazendo ao seu auxiliar:

– Beije-a – disse eu a Carmen – beije-a ardentemente, naquela pequenina cruz que os seus lábios santificaram...

Os seus olhos brilhavam. Toda ela era a expressão de uma grande, de uma esquisita, de uma rara beleza.

– Mas por quê?... Diga-me!

Por que em espanhol, aquela doce legenda, a música do nosso beijo?

Ela espiou para o lado. Afastou-se um passo. Baixou a voz.

– Escolhi o espanhol – declarou-me, num murmúrio – porque o espanhol é a língua do amor..."

• CRÍTICA •

A obra de Dyonelio Machado na visão de escritores, estudiosos e críticos literários

(Textos extraídos do livro *Dyonelio Machado – O Homem – A Obra*, de Rodrigues Till)

NENHUMA CONCESSÃO AO SENTIMENTALISMO

“Tal como Graciliano Ramos, conseguiu Dyonelio Machado escapar às tentações do esquematismo social graças ao aprofundamento psicológico. E escapou também do sentimentalismo fácil, tão explorado para a simpatia com a mensagem ideológica, apesar de sua temática tão passível de distorções e concessões à pieguice” (V. ob. cit. p. 19).

Eliane Zagury, 1971

UM FATALISTA

Esse curioso e rico universo pessoal formado em cada um de nós com tão variados contornos e conteúdos, embora sob o influxo do universo comum a todos, Dyonelio Machado o explora em extensão e profundidade. Como um sujeito que desse uma tacada no bilhar e ficasse a observar as múltiplas e complexas trajetórias das bolas, atento aos desvios e às intenções que escapam aos cálculos dos mais exímios campeões, o autor de Desolação joga suas personagens na vida e lhes acompanha as ações com um vigor quase científico. O que não o impede de com elas simpatizar, ainda que não mexa um dedo para arrancá-las de seu caminho”...

“Aliás, Dyonelio Machado é um fatalista. Um fatalista e quase um pessimista, pois conquanto não veja o destino forçosamente negro, não acredita no livre arbítrio de seus heróis. Estes se movimentam ao longo de uma linha sinuosa, não raro imprevista, que não é propriamente traçada pelo autor mas se desenha ao sabor das circunstâncias determinantes e inexoráveis. Daí talvez essa atmosfera de melancolia e desânimo, que alcança a saturação nos seus últimos romances. Ele não chega a ser um inconformista, um revoltado contra a sociedade. Limita-se a constatar com vaga amargura e muita desola-

ção a existência de forças coordenadoras que podem ocasionalmente levar a um êxito feliz mas conduzem o mais das vezes a um trágico desfecho. Em Os Ratos a solução boa chega no fim e nos alivia das atribulações angustiadas de Nazazieno. Já no Louco do Cati a força coercitiva da sociedade pesa sobre a disponibilidade a que aspira o herói e o obriga, mesmo louco, ao convívio de seus semelhantes sãos. A evasão não é permitida e esse me parece o mais claro postulado da filosofia de Dyonelio Machado”.

Sérgio Milliet, 1944

NOVELA PALPITANTE DE VERDADE E VIDA

“Dyonelio Machado dá-nos neste volume magnífico pela intensidade da ação, pela precisão da linguagem e pelo extraordinário poder descritivo do seu estilo conciso e breve, a melhor novela brasileira da atualidade, pese embora a equivalência com Marafa, Totônio Pacheco e Música ao Longe em que o colocou injustamente o júri do prêmio Machado de Assis.

Realmente a superioridade de Os Ratos se afirma absoluta desde o tema originalíssimo desenvolvido com segura técnica, até à surpreendente nitidez das observações que retratam com admirável fidelidade o meio e a psiquê dos personagens centrais da novela palpitante de verdade e de vida.”

Ernesto Pelanda, 1936

MONUMENTO LITERÁRIO EPOCAL

“Essa novela é uma espécie de derivativo no conjunto de uma obra que lhe tem custado, ao autor, longa vigília. O material em que ele se baseia para compor é geralmente fruto de acurada observação da vida e do ensinamento dos livros. Um grande estudioso, com efeito. Nota-se isso, a partir de Um Pobre Homem (contos de 1927), em todos os volumes que publicou. É, porém, nos Deuses Econômicos (1966) que tal adesão ao fato, ao detalhe correto, além de constante interesse pelo contexto moral, social e político, mais flagrantemente se definem. Desse modo, sua prosa crispada, indiferente a boleos melódicos, é ao cabo um monumento literário epocal, quer trate do presente, quer reflua ao passado”.

Guilhermino Cesar, 1983

HISTÓRIA DOLOROSA E HUMANA

“História quase que toda em monólogo (os raros diálogos que têm são muito naturais), repisando sempre um assunto mal escrito, domina no entanto o leitor, conduz o leitor, o impossibilita de fazer qualquer outra coisa que não seja ler o livro. Livrinho brabo, onde o drama se não tem um horizonte largo, um cenário luminoso, é no entanto profundo e pesado.

As figuras daqueles semichantagistas que arranjam o dinheiro, a descrição do herói jogando, a sua alegria infantil comprando brinquedos para o filho quando consegue os cobres, a sua timidez cínica, a sua vergonha, são coisas inesquecíveis desse pequeno romance”.

“Os Ratos não é apenas uma boa história. É uma história muito bem conduzida, dolorosa e humana. Tenha Dyonelio Machado os defeitos que tiver como escritor. A verdade é que as suas qualidades de romancista os sobrepujam vantajosamente”.

Jorge Amado, 1936.

PERFEITOS COMO UNIDADE, EQUILÍBRIO, CONCEPÇÃO

Recebi e acabo de reler os seus Ratos, muito obrigado por ter se lembrado de mim. Foi uma releitura curiosa esta... O livro não se sustenta apenas, se afirma. Relendo assim com a memória já muito vaga da primeira leitura, a gente percebe, eu pelo menos percebi que guardava o seu livro intensamente não sei em que escaninho da lembrança lá, mas inteiro. Me vinham frases, me vinham observações que eu sabia você tinha escrito logo depois. Mais: me vinham observações, traços psicológicos, dados descritivos que eu poria se fosse eu a escrever o livro. Mas era tudo plágio: a observação, o traço estava ali, na batata, era seu – desses versos que a gente digere tanto e integra de tal maneira, que um dia acabam saindo na nossa poesia, nosso, espontâneo, verdadeiro.

Mas o que foi mais curioso na releitura, foi a quase obsessão com que durante quase todo o tempo de ler eu ‘traí’ Os Ratos, com O Louco do Cati. Preciso aliás reler O Louco do Cati... Que impressão estragosamente profunda esse livro me causou. Os Ratos serão mais perfeitos como unidade, equilíbrio, concepção, nenhum desperdício. Mas O Louco do Cati morde e marca, preciso reler. E durante toda a leitura dos Ratos, a verdade crua deste livro tinha saudades de outra

verdade, daquela que fica se perguntando a si mesma se realmente existe. A saudade não matou Os Ratos é certo, mas agora sei que vou reler O Louco do Cati. E aproveito pra lhe agradecer também a inquietação em que vou ficar, a espécie de dor que vou ter.

Mario de Andrade, 1944.



• *O deputado Caio Riela com dona Cecília, filha de Dyonelto, na Assembléia Legislativa*

EXPEDIENTE

Publicação do Gabinete do Deputado Estadual Caio Repiso Riela (PTB) – Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, RS.

Telefone: (051) 210-2190 Fax: (051) 210-2172

.....
Editor: Irineu Fernando Guarnier Filho
Colaboração: Rodrigues Till



companhia rio-grandense de artes gráficas

corag